

A MOCIDADE.

PERIODICO LITTERARIO.

A mocidade é a esperança da patria.

(MACHADO D'ASSIS.)

ANNO I.

SEXTA-FEIRA 31 DE JANEIRO DE 1862.

N. 2.

A Estatua de D. Pedro I.

I.

O imperio brasileiro vai possuir um desses emblemas que perpetuam os maiores acontecimentos. A terra de Santa Cruz, trezentos annos depois do seu casual descobrimento, conseguiu desmembrar-se da metropoli. Era justo e nobre que tão gigantesco facto não se circunscrevesse á descripção historica.

Levar-se a effeito tão digno fim, foi idealisado em 1823, um anno apoz o grito desprendido nas margens do Ypiranga. Circunstancias inda não justificadas, tolheram o proseguimento de tão patriotico mister, sendo depositada no Thesouro Nacional a somma arrecadada.

Em 1854, a Illma. Camara Municipal cuidou sêriamente de tão grata materia. Além da quantia depositada, unidos os competentes juros, contou a municipalidade com a coadjuvação publica que não lhe foi negada.

A comissão escolhida pela Camara para, sob suas vistas, encarregar-se dessa honrosa tarefa, encetou e proseguiu em seus trabalhos, e, oito annos depois da deliberação municipal, chegava do Havre o estatuário Rochet, conduzindo o monumento bronzeo que deve attestar aos vindouros a maior conquista nacional!

II.

A capital do imperio foi designada para, em uma das suas mingoadas praças, receber o monumento construido em honra ao glorioso successo do Ypiranga.

Sem accommodar a saptisfactoriamente para receber um tão distincto hospede, sem se ter cuidado devidamente no seu necessa-

rio embellezamento, effectuou-se no dia 1º de Janeiro a festa do basamento da estatua, sendo nessa occasião sepultada a caixinha que deve guardar cautelosamente o autographo da Constituição, os jornaes do dia, moedas de cobre, prata e ouro, e *tuti quanti* foi lembrado pelo confeccionador do respectivo programma.

Concluido o ceremonial, foi permitido, ás pessoas decentemente vestidas, a contemplação do colosso encerrado na casa de madeira, coberta de lona, que se divisa na Praça da Constituição; e, como não julgaram indecente o nosso simples trajar, franqueou-se-nos a entrada nessa *officina* artistica.

Quanto á materia prima e ao trabalho artistico, nos considerando leigos, lançamos a vista tão sómente para os distinctivos que devem no porvir tornar mais facil o conhecimento do vulto magestático que mostra reпреzar a descommedida carreira do seu fogaço ginete.

Que decepção soffremos ao divisarmos a infidelidade da tradição historica! Que subida mágoa infiltrou-se-nos no peito quando contemplámos tão inesperado successo!

A estatua equestre do primeiro imperante, representa-o no acto em que soltou o brado heroico:—Independencia ou morte! —no sempre recordativo dia 7 de Setembro de 1822. Ninguém deve ignorar que até essa data o heróe dos dous mundos occupou o cargo de lugar-tenente de seu pai que pouco antes se retirára á antiga capital do reino unido de Portugal, Brazil e Algarves, e que por tanto não podia na segunda viagem feita á heroica e briosa provincia de S. Paulo ir revestido das insignias honorificas que só mais tarde possuiu.

Repugna igualmente á consciencia o far-

damento de que se acha o principe revestido. Para uma viagem emprehendida com o intuito de serenar indisposições insignificantes, não é por certo admissivel a ida do illustre viajante adornado das vestes magestáticas de que tambem ainda não era senhor e por tanto não podia dellas servir-se.

E as iniciaes—**P. I.**—que facilmente se percebem gravadas na manta do cavallo que conduzia o então principe regente? ! Causa assombro que tamanha prevenção houvesse n'uma momentanea jornada; prevenção em demasia reparavel, pois que até nos pertences ao animal, se teve em mente demonstrar que o caminheiro illustre, principe regente do reino unido, não era senhor desse titulo, mas sim do de chefe da nação brasileira que ainda não existia!!

Porém, todas essas provas de incoherencia historica, ou de desprezo aos factos havidos ha quarenta annos, não podem ser equiparados á mais visivel e conhecida falta de verdade que no monumento se depára! Collocar-se na dextra do principe, quando o brado—Independencia—desprendeu-se-lhe dos labios, a carta constitucional do Brazil promulgada em 25 de Março de 1825, facto aquelle consumado quasi tres annos antes da existencia do pacto fundamental da nação brasileira, é na verdade a maior das incongruencias e não sabemos como se lembrou, e hoje se acha realizada, uma tão *feliz e consentanea* collocação!!

III.

Se a independencia fosse effectuada ha seculos, senão existissem tantos espectadores das scenas immortaes realizadas anterior e posteriormente á nossa emancipação politica, ainda assim não podiam ser perdoados semelhantes erros; mas quando a historia registra em seus fastos a verdade dos acontecimentos, quando se não pôde provar que em 7 de Setembro de 1822, existisse o imperio americano e bem assim a carta constitucional da nação, essas faltas significam o maior dos attentados contra a lealdade dos factos consummados e que se não ignoram!

Dir-se-ha que alguma cousa era preciso figurar na mão do principe. Concordamos plenamente nisso, mas, sem sermos notabilidades na politica, litteratura ou sciencias patrias, aconselharia-mos que essa falta fosse

supprida pelo chapéo que se collocou, menos regularmente talvez, na cabeça do finado monarcha. Depois dos inaceitaveis decretos que acabára de lêr quando soltou o brado que nos tornou livres, é historico que o principe lançou á terra os papeis providos do governo lusitano; da indignação de que se possuira pela leitura das governamentais communicacões, resultou o nosso libertamento e na occasião descripta facilmente se crê que o enthusiasmo, oriundo de um tal facto, faria com que se descobrisse e com o chapéo acenasse.

Que se dê a essa festividade o cunho, mal cabido talvez, de festa magestática, que a estatua seja nacional no nome e estrangeira em tudo mais, que a praça em que ha de ser erigida ainda se conserve menos propria e menos digna de receber-a, que a base de granito fique tortuosa e izempla das regras necessarias (na opinião dos entendidos). tudo, tudo isso poderíamos tolerar; mas, sacrificarem-se as prescripções historicas, culcarem-se os factos de que restam não poucos assistentes, gravarem-se n'um monumento collossal circumstancias em completo desacordo ao fim patriotico para o qual concorremos na certeza de representar elle com a maior fidelidade a nossa primeira e mais excelsa gloria, magoou-nos excessivamente obrigando-nos a protestar em tempo contra as palpaveis infidelidades que ficam descriptas e que devem soffrivelmente marcar o merecimento da memoria pelo povo erguida em honra do successo que mais o ensoberbece!

Existe um dilema a elucidar. Ou a estatua representa o acto da independencia, ou não. No primeiro, o que expuzemos não pôde ser contestado. No segundo, o pensamento e o fim dos contribuintes e da nação, foram redondamente desprezados.

Feitalo.

Flôr sem perfume.

(ORIGINAL.)

I.

(Continuado do n. 1)

Alfredo, ao ver aquelle porte imperioso,

ao ouvir aquellas palavras ditas com tal severidade, levantou-se desorientado e sahio, depois de lhe ter lançado um olhar de ternura.

Então Margarida, sévera para si mesmo, accusou-se com vehemencia do sentimento de exprobração que mostrara. Devia mandar sahir aquelle moço (se com effeito devia), mas com prudencia.

Ella, porém, mostrara-se sévera áquelle ponto, porque tinha medo do mundo; a sua reputação estava em perigo por causa das invejosas visinhas, e cumpria salva-la a todo o custo.

Margarida era sensivel; mas capaz de um sacrificio, se este fosse preciso, para descer á sepultura com o diadema da virgindade.

II.

Um anno se passou e Margarida não mais viu Alfredo. Quando a hora em que ella o costumava ver soava, estremecia, máo gráo seu. Margarida prepara-se para ir a um baile do carnaval. Uma vez que a sombria e melancolica nuvem não se queria desvanecer, ella ia supplicar distracção áquelle divertimento pestifero. Margarida entrou no baile, mostrando uma formosura deslumbrante. O ruído das sedas e os mil echos das fallas disfarçadas que se tornavam n'um murmúrio longo, aborreciam-a; mas ella não tinha ido para se conservar silenciosa, e, pois, entranhou-se pelo meio daquelles grupos, respondendo ás mil perguntas com que a atormentavam, ou ella mesmo atormentando os outros, instando-os a que respondessem de prompto se a conheciam. Um dominó azul celeste sentado a um canto da sala fixava seus olhares prescrutadores sobre Margarida, e suspirava ansioso ao ver aquella alegria febril que mostrava apparentemente. Margarida tantas vezes olhou o dominó, e tantas vezes o viu fitando-a, que, vago ou fundado, ella estremeceu de terror.

Bateu meia-noite e ouviu-se um grito unisono pelo meio da sala:

— A' ceia!

E outro não menos alegre, respondeu textualmente:

— A' ceia!

Houve então uma coincidência que mais aterrou Margarida. Todos saciados pelo ephemero prazer da dança voluptuosa, lançaram-se soffregos á mesa, os prudentes tirando as mascaras e os *extravagantes* resignando-as; só o dominó azul, no meio daquellas scenas de prazer delirante, conservava-se pensativo e sem tirar a mascara! Uma nuvem de extranha loucura perpassou pela mente de Margarida. Ella levantou-se fôra de si, e levada por firme presentimento, correu ao dominó arrebatando-lhe do rosto a mascara. Subito deu um grito agudo e cahiu como fulminada de um raio. No dominó azul tinha reconhecido Alfredo!

(Continúa.)

Scenas contemporaneas.

(ESBOCETOS.)

I.

§

Era uma noite de festim e de alegria immensa.

Retumbavam gritos de todos os lados, abafavam-se soffrimentos nas voluptosidades da dança!

E no escuro, occultos, faziam-se mutuos protestos d'amor...

Uma virgem ouvia as palavras de um demonio.

A corôa brilhante da virgindade ia ser polluida no lodo da deshonra.

— Que receias? Duvidas de meu juramento? Não sentes o pulsar apressado deste coração martyrisado pela tua indiferença? Oh! és cruel! Não sentes a febre deste amor que me dilacera? Vem! Fugamos! Eu quero viver para te amar! Serás a virgem dos sonhos ardentes de minha alma! Adorar-te-hei como a uma santa! Serás minha e eu serei teu! Vem!

— Oh! o meu coração é muito fraco; calla-te... calla-te...

— Não! Posso eu acaso abafar a voz do amor febril que sinto?

— Julio! Julio! Oh! que me perdes!

— Não vês estas lagrimas de fogo escaldarem-me o rosto?

— Deixa-me, deixa-me...
 — Não, não posso; tu és a minha sombra e eu não posso viver sem ti!
 — Pois bem, vou!...

E o mancebo, soffrego, collou seus labios, crestados pelo callor das orgias, na nivea mão da donzella!

Era um osculo de Judas...

§

E os dous fugitivos atravessaram montes e valles sem descançar um só momento.

E o homem triumphou da donzella. Cavou-lhe a seus pés um abysmo terrivel, e ella o acreditava ainda. Seduzida pela infernal voz daquelle sceptico, entregára-se sem receio a elle. Dous mezes se passaram, e o seductor cansado da vida placida, aborrecido d'um só goso, esqueceu os mais santos juramentos.

E a pobre moça viu ante si a vergonha, o escarneo, e o abysmo! Rojou-se a seus pés, supplicou-lhe com lagrimas de sangue que reparasse aquelle crime; e o seductor, infame, sorriu de escarneo. Calcou aos pés a grinalda da virgem, e fugiu, deixando-a sem abrigo, para ir saciar novos desejos no lupanar da devassidão! A joven seduzida procurou entrar no gremio da sociedade, e a sociedade fechou-lhe as portas. Pediu uma esmolla, e offereceram-lhe ouro. Aceitou! Deram-lhe sedas, ouro, brilhantes, em troca de seu corpo.

E a mulher perdida, escarnecia da fraqueza dos homens.

E o seductor infame, fruia prazeres materiaes no seio das orgias.

.....

Pouco tempo depois, que restava?

Um hospital... e um tumulo!

Era mais uma pagina de sangue, escripta no livro negro da sociedade!

1862.

ALMEIDA.
 (Continúa.)

POESIAS.

Sou triste!

Eu vivo triste neste mundo torpe
 Chorando só:
 Os elementos que eu idolatrava
 Ei-los no pó!

A mão da sorte n'um fatal desfecho,
 Tocou em mim!

E agora eu vejo, no futuro negro,
 Chorar sem fim!

Nem mais a lyra desmaiada já.

Modula um canto;

Nem mais a sorte me fará sorrir...

Só tenho pranto!

Dezembro de 1861.

Viriato.

Ambas.

(IMITAÇÃO.)

Estatuas gemeas, tão irmãs no riso,

No olhar, em tudo!

Estrellas vivas mas d'um brilho triste

Sereno e mudo.

T. de Mello.

Um quadro negro de miseria horrenda

Eu contemplei,

Duas creanças mendigando, pobres,
 Na rua achei.

Ambas soffrendo privações infindas

Acerbas dôres,

Sentindo ambas deste mundo torpe

Crueis rigores.

Dormiam ambas sobre a mesma pedra

O mesmo somno,

Jaziam ambas, tão creanças inda,

No abandono.

Ambas soffrendo dessa mesma vida,

Iguaes torturas,

Ambas sentindo do cruel destino,

As amarguras.

Ambas trocaram da infancia os rizos,

Por tanta dôr!

Sem ter no mundo no florir da idade

Materno amor!

Quando de noite, tiritavam ambas,

No frio inverno.

Ambas oravam com fervor tão puro,

Ao Deus eterno!

E o mundo ria das crianças bellas,
Que mendigavam,
E ellas tristes pela terra ingrata
Perigrinavam.

E um homem houve que ao vê-las ambas
Abriu-lhe o peito,
E disse : Vinde ! que o chorar amargo,
Está desfeito !

Depois trilharam pela estrada bella,
Da sã virtude,
Sempre tão puras, do virgineo berço,
Ao ataúde !

1861.

José Maria de Almeida.

Se souberas...

A—M...

..... se tu souberas
A dôr do coração de teu amante !

A. de Azevedo.

Mulher, se tu souberas o tormento
Que vai no peito meu,
Se souberas o amor que violento,
No peito me nasceu,

Se poderas julgar a chamma ardente,
Que, anjo, por ti, sinto
O amor, a paixão tão vehemente
E crêr que te não minto...

Oh ! de certo, mulher, não me lançaras
De gelo o teu olhar ;
Se souberas, por certo tu me amaras
Como eu te sei amar !

1861.

A...

Scena de um passeio.

A vida commercial tem monotonia. Se uma ou outra distracção não a embelleza, morre o caixeiro myrrhado ! Vou narrar uma scena interessante que apreciei n'um domingo.

O passeio não foi grande, e, até me admira como tive a felicidade de achar assumpto, n'um desses passeios tão communs.

Depois de jantar sahi, tomei a minha

chavena de café no *boulevard* Carceller, e dirigi-me machinalmente á ponte das barcas.

Estava a tarde bonita, e a pitoresca vista da formosa bahia e seus arredores *agucaram-me* o desejo de ir até Botafogo. Embarquei, e acendi um cigarro. Na posição agradável em que estava, gozei *il dolce far niente* que ha muito não *provava*. De repente notei n'uma *donzella* cheia de *coquetterie* que lançava de vez emquando olhos amorosos para um desses mancebos *apurados* que a *Semana Illustrada* embirrou em chamar *leões*. Um *sexagenario* *faceiro*, cheio talvez de *fogo amoroso* no *juvenil coração*, engolfado na contemplação das mimosas formas da *Sylphide*, ousou dirigir-lhe uma *confissão formal*, proferida com o maior *callor poetico*.

A *donzella* que professava o *absolutismo*, sem intervenção de *ministro*, decretou-lhe incontinenti uma tremenda bofetada, que principiando no famoso nariz do *amante*, terminou no *luzidio chinô*, fazendo-o voar pelos ares e concluir seu *giro* nas aguas do mar. O velho, *desapontado* por tão *positiva prova de amor*, debruçou-se para ver se apanhava a *estimada* cabelleira, mas só a pôde ver, já uns vinte passos distante, fluctuando na superficie das ondas e servindo a banha della, para *espelho* aos raios do sol. A *donzella*, triumphante por esta prova de *intrepidez*, virou-se para mim.

— Não acha que fiz bem ? — perguntou ella.

A resposta era difficil de dar. Se approvasse, tinha o odio do velho ; e se reprovasse, tinha o seguramente um inimigo na *donzella* por que, isto de contradiser mulheres, é atirar-lhe uma luva, que ellas logo acceitam. Portanto respondi :

— Queira perdoar, minha senhora, eu estava distrahiado e nada vi.

Emquanto eu respondia, o velho dictava um responso funebre, arguindo-se de ter tirado o chapéo para fazer a *amorosa confissão* ; e cobrindo a *luzidia* calva, foi postar-se longe, mas sempre contemplando em extasis a *nympha* que *tanto amor* lhe mostrara. Os velhos são assim. As mulheres insultam-os, chasqueiam-os, e elles julgam que ellas lhes fallam dessa fórma, por mor-

rerem por elles, e querem occultar o amor que lhes tributam.

Estes velhos !...

Não pensem os leitores que eu descrevi a *Scena de um passeio* para fazer arguições aos velhos. O caso é veridico, e julgo que nada mais ingenuo que metter-se, embora a *gancho*, uma consideração do autor.

Nada mais aconteceu de notavel. Voltei, e só me lembro que na segunda feira eu ainda me ria do caso, seguido de algumas visitas do somno especial que ataca ás segundas-feiras. Boa noite, leitor. Desculpai a maçada do vosso

1862.

Viriato.

Revista da Quinzena.

O promettido é devido. A' promessa feita no passado numero, vamos dar o devido cumprimento.

O mundo contém em si a maior das anomalias. Quando deve chorar, ri, e vice-versa, e nunca ou quasi nunca, chora e ri ao mesmo tempo. A organização humana inda não foi, nem pôde ser devidamente elucidada. Quanto mais se investiga esses arcanos, maiores cahos apparecem.

A humanidade só conta com certeza obter a morte. Mais nada lhe é permittido esperar com visos de certa obtenção.

A' lei da morte todos pagam o devido tributo. Nos cemiterios nivelam-se os nobres e os plebeus, os ricos e os pobres, a magestade e o povo ! Todos provieram do pó e a este tornam.

Ha, porém, existencias ceifadas que se tornam dignas de sincera pranteação. Neste caso estão Teixeira e Souza, Manoel d'Almeida e Paula Brito.

Do primeiro nos ficaram romances, tragedias, dous poemas e outras muitas poesias. Inteligente, honrado e dedicado, não teve limitados espinhos na sua perigração de meio seculo. Filho de pais pobres, Teixeira e Souza a si deveu a posição em que morreu, legando a sua prole—a honra e a pobreza,—ás patrias letras—não poucas produções de merito—e á humanidade—a sua vida repleta de acções dignas de imitação.

Do segundo, dessa intelligencia superior tão cedo perdida, ficaram algumas notaveis

traduções, umas memorias dos tempos coloniaes, o libretto da opera *Dous amores* (ultima produção sua), e alguns artigos e poesias de valor, impressas em diversos periodicos. Victima do naufragio do vapor—*Hermes*, o Dr. Manoel de Almeida, perdeu a vida quando uma nova era lhe estava predestinada ! Por todos os motivos foi prematuro o corte dessa existencia.

Do terceiro, desse artista infatigavel, do mas desvelado animador das aspirações nascentes, do decidido coadjuvador de emprehensões nobres e uteis, tivemos por legado os actos da sua vida e o proprio nome que não pôde esvair-se do coração do povo quando este se não torna ingrato. Que o não foi, prova-o de sobejo os factos que se deram apoz o pranteado passamento de Paula Brito.

Exiguo é o nosso tributo aos manes de tão distinctos fluminenses. A sinceridade das expressões supprir deve aquella falta.

§

A exposição nacional acaba de ser encerrada, restando os encargos melindrosos da escolha dos objectos que devem representar o paiz na Exposição Universal de Londres e a designação dos concurrentes que mereçam ser premiados.

O procedimento anterior da commissão directora, e os nomes dos membros dos juries especiaes, são garantias sufficientes do cabal desempenho da tarefa de que foram encarregados.

A quem do nosso calculo, ficou o numero dos visitantes aos objectos expostos ; da mesma fórma a somma provida das entradas não gratuitas.

A precipitação com que foi tentada e se realisou tão importante e patriotico fim, a soffreguidão havida para se dar no dia 2 de Dezembro de 1861 a solemne abertura dessa festividade ; concorreram poderosamente para não se elevar essa festa á posição que lhe competia. A maior justificação do que fica dito, se percebe nos discursos pronunciados na sessão do encerramento ; e se meditar-mos com algum desvelo em certas anomalias que tiveram lugar, muitos exemplos citaria-mos de productos enviados á exposição como nacionaes *in totum* quando elles cheiram á brasileiros sómente no pon-

to local e de outros que nem esse merito possuem.

Lamentariamos a sensível falta dos productos naturaes de que soberbamente é abundante o paiz, a falta dos objectos representativos das provincias de Alagoas e S. Pedro do Sul, e outras omissões imperdoaveis!

Não obstante esses senões, a primeira exposição marca uma era nos annaes scientificos, industriaes e artisticos do joven imperio americano. A repetir-se tão proveitoso mister, os resultados que se hão de obter serão excessivamente proficuos!

Repetimos: uma segunda exposição de productos exclusivamente nacionaes, tornar-se-ha subidamente vantajosa, se se derem as instrucções preventivas que cohibam os erros e faltas oriundos da primeira exposição!

§

Todos os esforços que se envidem em prol da cultivacão e patenteação das luzes intellectuaes, não podem deixar de merecer os nossos sinceros louvores; e com quanto reconheçamos a necessidade de sermos animados na nossa perigração litteraria, não nos julgamos impossibilitados de animar aquelles que, mais intelligentes do que nós, igualmente carecem dessas manifestações quando sinceras.

Firmes nessas crenças, desejamos do imo d'alma que a empresa litteraria que projectam estabelecer duas bellas intelligencias portuenses que entre nós rezidem, em breve se divise nos arraiaes das bellas letras, e desde já desejamos que:

« *Seja-lhe benigno o favor publico.* »

§

No theatro de S. Pedro houve na quinzena um reflexo de luz. Representou-se n'esse theatro no dia 26 o drama sacro em 3 actos e 5 quadros, intitulado. *Os Martyres da Germania ou a edificação do Christianismo*, composição do eximio autor do *Sansão*, etc., e ornado de *coros*, *tramoias* e *dansas*, com vistas novas, vestuario e apparato requeridos.

Assistimos á 1ª representação, e confessamos não ter perdido o nosso tempo. Os *Martyres da Germania*, é uma produção que em si contém os elementos das

variadas especies das produções theatraes! E' lyrico e ao mesmo tempo energico, moderno e antigo, sentimental e tragico, mimico e comico! E' um aborto, esse presado filho do Sr. Romano!

O desempenho foi optimo, se o compararmos ao das diversas e *novissimas* peças que ahí se têm ultimamente representado. A Sra. D. Ludovina, não obstante não lhe ser, em parte, apropriado o papel de que se incumbiu, demnstrou mais uma vez os valiosos recursos artisticos de que dispõe. No 2º acto foi mui justamente applaudida.

As novas scenas, excepção da da sala de *Afra*, não deixam de attestar serem devidas ao habil scenographo o Sr. João Caetano Ribeiro. A do exterior das ruinas de Proserpina, merece a primazia no nosso profano entender. A do final do 1º acto que representa o *antro do inferno*, angariou applausos entusiasticos da parte da grande maioria dos frequentadores do theatro normal. O distincto scenographo foi no fim do drama chamado ao proscenio e victoriado.

Não tratamos na concepção dramatica, nem tão pouco nos abalancamos a analysar minuciosamente o desempenho; contentamo-nos em convidar o publico a assistir as repetições d'esse drama *regenerador*, e a tomar conhecimento das seguintes *tramoias* que a empresa promete nos seus annuncios:

— As poesias recitadas por *Lucifer*, que em todo o drama não diz uma palavra em prosa.

— O temer *Lucifer* da cruz que se divisa em todo o 1º acto, tão somente quando ella é revestida da cor mistica.

— O ficarem os christãos no inferno quando finalisa esse acto.

— As phrases da africana *Afra*, no 2º acto, quando, sentindo-se apaixonada por *Gabriel* (a quem nunca vira, mas de quem conhece a voz e as feições) patenteia a posição em que se acha de *cortezã corrupta, rica e poderosa, porém que vende o corpo a quem lhe dá ouro!*

— As ordens dadas em casa e na presença de *Afra* a *Isaac* seu escravo; ordens promptamente cumpridas, não obstante serem em contrario ás que ella acabava de dar.

— O anjo symbolo da *Fé*, com o caliz

na mão esquerda, a hostia na direita e a cruz ao lado !!! (Tributo á religião catholica.)

— O altar erguido junto ás catacumbas de Proserpina,

— O baptismo de *Afra*, pelo octogenario *Ozorio*.

— Os cantos religiosos que os christãos entoam por esse facto.

— Os conselhos do czar do Occidente para que *Afra* abjure a religião do crucificado e torne a ser pagã !!! (Com razão quebrou o autor das *Azas de Um anjo* os bicos da sua penna.)

— E os côros tão bem ensaiados.

— E o vestuario primoroso dos christãos e dos pagãos!

— E... o mais que só os leitores vendo poderão apreciar.

O drama foi ensaiado pelo Sr. João Caetano dos Santos, que tambem foi chamado á scena e applaudido!

A' Sra. Marquelou, coube a missão de apresentar ao publico *o calix e a hostia consagrada*.

Mais que nunca nos capacitamos da necessidade dos theatros subvencionados!

§

O anjo exterminador pairou recentemente sobre a monarchia lusitana. Em poucos dias o rei D. Pedro V e seu irmão D. Fernando, deixaram a existencia para serem envolvidos nos crepes mortuarios e depois depositados no leito eterno; e, ainda se não achavam extinctos os indicios de sentido pranto, quando o vapor *Guyenne*, conduziu ao nosso porto a infausta nova do perecimento do infante D. João, Duque de Bêja!

A população lisbonense, ao ser sabedora deste ultimo infortunio, apoderou-se da crença de que agentes traidores, de intenções extranhas e infamantes, maquinavam contra o apercebimento dos hereditarios successores do throno de Affonso Henriques. No primeiro impeto, obrou por si, e, embora as medidas precisas surgissem tardia e exageradamente, ella ainda não está convencida de ser erronea a crença que adquirira pelos factos, lamentareis sem duvida, que são devidos á fatalidade que peza sobre a dynastia de Bragança!

Não pode existir o menor visio de suspeita nos nossos sentimentos. Filhos do solo ardente da America, mas usando da lingua que fallam os subditos da nação lusitana, expendemos as nossas considerações a respeito de tudo que occorra, dentro e fóra do paiz, por que a nossa missão a isso nos autorisa. Nem se collija, em nossas phrases, o menor indicio de opposição aos movimentos ultimamente effectuados em Lisboa, porque reconhecemos que elles de momento não podiam ser superados.

Oxalá se amerceio a Providencia dos destinos do outr'ora timido, mas ainda hoje forte, povo luzitano, e que durante longos annos impere o actual chefe da nação portugueza, consolidando os germens beneficos e as medidas liberaes do curto, mas immortal reinado de D. Pedro V, o monarca constitucional de nossos dias.

Tantas e tão repetidas catastrophes, hão contristado o povo brasileiro que sente profundamente o pezar que mais de perto opprime os descendentes dos seus progenitores.

§

Do mundo litterario-artistico, tivemos na quinzena a *Grammatica da lingua portugueza* dos Srs. Dr. Pertence e Vergueiro, e o drama *De Ladrão a Barão*, do Sr. Alvares de Araujo.

Recommandavel por sua natureza, quando outros predicaos não tivesse, se torna aquella composição. Quando tão pobre se reconhece a instrucção primaria e secundaria do nosso povo, tudo quanto apparecer em prol desse mistér, deve ser considerado na cathgoria de serviços relevantes prestados ao progresso do paiz. Os autores merecem encommias. Os nossos sendo singeltos, devem conter o merito de nascerem do intimo d'alma.

Da segunda composição e bem assim do seu desempenho, nada por ora podemos dizer. A continuada chuva que nos tem dado o anno novo, nos tem inhibido de comparecer no *Gymnasio*, durante as vezes que se tem representado a producção do Sr. Alvares de Araujo.

Felix.

Typ. Popular, rua Nova do Ouvidor n. 9.